



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E LITERÁRIAS

com Fernanda Pessoa

Quinhentismo

QUINHENTISMO

*AS DATAS SÃO CABIDES INDISPENSÁVEIS
PARA PENDURAR A TAPEÇARIA DA HISTÓRIA.*

Gombrich



Para Ernst Hans Josef Gombrich, um dos mais célebres historiadores da arte do século XX, especialmente por seus estudos sobre o Renascimento, deve-se levar em conta que um livro ou qualquer expressão artística é expressão tanto de um **autor(a)** quanto de sua **época** e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a manifestação artístico-literária sem levar em conta a sua **recepção**.

Da mesma forma que não há uma árvore sem raízes e não se pode imaginar a qualidade de seus frutos sem levar em conta as condições de seu solo, do clima e das condições ambientais, a **literatura** é produto de seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem.

As **datas** que delimitam fim e início de cada era são, na verdade, marcos onde se acentuam um período de ascensão e outro de decadência. As eras são divididas em **escolas literárias**, também chamadas de **estilos de época**. Ao situarmos historicamente a Literatura no Brasil, podemos perceber **dois grandes grupos**, ambos acompanharam a evolução política e econômica do país:

ERA COLONIAL

- A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808;
- É dividida em **Quinhentismo**, Seiscentismo ou **Barroco** e o Setecentismo ou **Arcadismo**;
- Recebe esse nome, pois nesse período o Brasil era colônia de Portugal;
- Época em que toda produção artística produzida no Brasil era “exportada” da Europa, ou seja, apesar de ser produzida em terras brasileiras, os temas e as formas de composição das obras literárias eram inspiradas em padrões europeus.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

O chamado período de transição ocorre entre 1808 a 1836. É considerado um momento inerte da literatura brasileira, marcado pela chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, contratada por Dom João IV.

ERA NACIONAL

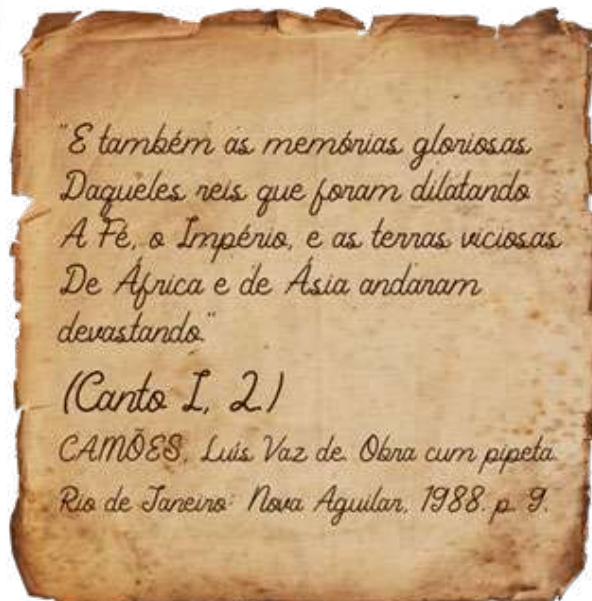
- A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e **dura até os dias atuais**;
- Começa com o **Romantismo** e perpassa pelo **Realismo**, **Naturalismo**, **Parnasianismo**, **Simbolismo**, **Pré-Modernismo**, **Modernismo** e o **Pós-modernismo**;
- Foi no período do Romantismo que o Brasil floresceu enquanto nação independente e buscou alçar voo em áreas distintas, como a literatura;
- Recebe esse nome, pois ela aconteceu após a Independência do Brasil, em 1822. Nesse período o nacionalismo é uma forte característica na literatura Romântica e moderna.

O **Quinhentismo** foi o conjunto de produções literárias produzidas no Brasil no século XVI. Nesse período, os países europeus, entre eles Portugal,



que foi o primeiro reino europeu a explorar o Oceano Atlântico, na conjuntura expansionista do século XV, iniciaram a busca de trocas comerciais lucrativas, exploração de pedras preciosas e matéria-prima, além da difusão do Cristianismo na expansão marítima europeia. Por isso, lembre-se de que o Quinhentismo diz respeito a uma literatura que ocorreu no Brasil, que fala sobre o país, mas que apresenta o **ponto de vista dos viajantes colonizadores**. Com características informativas e descriptivas, os relatos de viagem mostram os objetivos e as ambições dos europeus mercantilistas em busca de novas terras e riquezas.

Observe como **Luís de Camões** explicitou essas ideias (conquista política e comercial e dilatação do cristianismo) na sua epopeia – *Os Lusíadas*:



E foram nessas viagens marítimas em busca de novos territórios que as embarcações portuguesas avistaram o **Monte Pascal**.

Nessas embarcações estavam aqueles que deram início às relações de colonização de exploração nas novas terras descobertas e aqueles que escreveram relatos de tudo o que foi visto e encontrado. Desse modo, na época em que os portugueses chegaram ao Brasil, os registros escritos sobre os indígenas brasileiros, a fauna e a flora, bem como as características da região, eram chamados de **literatura quinhentista**.

O **contexto histórico** do Quinhentismo é o início da colonização brasileira. As duas forças políticas que atuaram na dominação do território e dos nativos, o Estado português e a Igreja Católica, são perceptíveis a partir das produções literárias do período.

Tanto por meio das descrições de Pero Vaz de Caminha quanto por meio das peças e poemas do Padre José de Anchieta, é possível perceber traços do momento histórico que o país passava.

CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL

De um lado, a conquista material – representada em Portugal pelas **conquistas marítimas**; de outro, as **mudanças**

espirituais – representadas aqui pela Contrarreforma. São essas as premissas para as primeiras manifestações da **Nova Terra**:

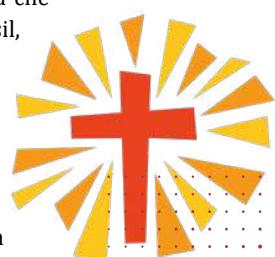
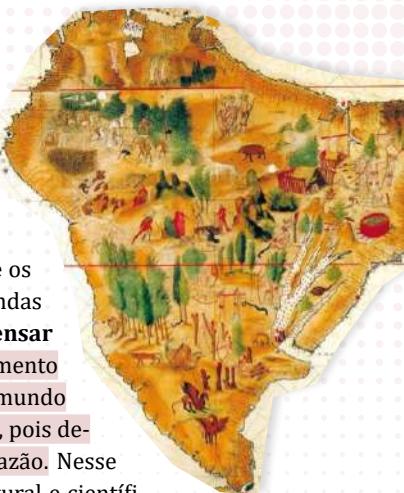
O fim da Idade Média é marcado pelo Renascimento, período entre os séculos XV e XVI que trouxe profundas **transformações na forma de pensar e de ver o mundo**. O Renascimento significou uma ruptura com o mundo feudal, baseado na fé e na religião, pois defende a crença no homem e na razão. Nesse período, de intensa atividade cultural e científica, o homem europeu fez coisas inimagináveis até então. Com a igreja perdendo o monopólio da cultura, a burguesia começa a frequentar as universidades e tem acesso aos ideais da Antiguidade greco-romana, com a valorização da arte, da filosofia e da mitologia.

A obra **(Estudos de Cavalo)**, de Leonardo da Vinci, também conhecido como o *Cânone das proporções humanas*, demonstra o interesse de artistas e cientistas do Renascimento pelo homem.

As **Grandes Navegações** foram marcadas pelo uso da bússola e da pólvora, que permitiram aos conquistadores chegar a lugares distantes e exercer total domínio sobre as terras invadidas. Isso porque, quando os navegadores europeus chegaram ao Oriente pelo mar, por exemplo, chegaram também à conclusão de que a Terra era **redonda**. E mais: descobriram que os oceanos não eram habitados por monstros e dragões. Além disso, a formulação do **heliocentrismo** significou um golpe para os dogmas da Igreja. Segundo essa teoria, o Sol era o centro do Universo, e não a Terra, como queriam os religiosos. Grandes feitos como esses fizeram com que o Homem se sentisse tão poderoso quanto Deus.

Com todas essas mudanças socioculturais, a Europa vivia um conflito religioso entre católicos e protestantes. Então, no intento de manter seu domínio, a Igreja Católica colocou em prática a **Contrarreforma Católica**, com medidas que buscavam combater o protestantismo e impedir a perda de mais fiéis. Um dessas medidas foi a **criação da Companhia de Jesus**, composta pelos chamados jesuítas. Dessa forma, após a chegada das embarcações lusitanas ao Brasil, em 1500, muitos deles foram enviados para cá com a **missão de catequizar os índios**, em nome da Igreja e do rei de Portugal, um país católico.

A **decadência do feudalismo e o fortalecimento da burguesia** resultam em



uma visão mais liberal, antropocêntrica, identificada com o **mercantilismo**. Assim, com o avanço da manufatura e do comércio internacional, surge a necessidade de se obterem mercados consumidores de manufaturados e de mercados fornecedores de matérias-primas; fatos que fizeram de Portugal o primeiro reino europeu a explorar o Oceano Atlântico na conjuntura expansionista do século XV.

Quem descobriu a Ilha de Vera Cruz
a Terra dos Papagaios
O Brasil?

Curiosidade

O Brasil já teve oito nomes antes do atual: **Pindorama** (nome dado pelos indígenas); **Ilha de Vera Cruz**, em 1500; **Terra Nova** em 1501; **Terra dos Papagaios**, em 1501; **Terra de Vera Cruz**, em 1503; **Terra de Santa Cruz**, em 1503; **Terra Santa Cruz do Brasil**, em 1505; **Terra do Brasil**, em 1505; e finalmente **Brasil**, desde 1527.

A história oficial consagrou o nome de **Pedro Álvares Cabral** como o primeiro a encontrar as novas terras. Fruto do esforço intelectual e de várias expedições marítimas realizadas pelos navegadores portugueses, **o avistamento de terras, que aconteceu no dia 22 de abril de 1500, foi relatado por Pero Vaz de Caminha, escrivão da expedição, da seguinte maneira:**



No dia seguinte [22 de abril] — quarta-feira pela manhã — topamos aves a que os mesmos chamam de fura-buchos. Neste mesmo dia, à hora de vésperas [entre 15h e 18h], avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo; depois outras serras mais baixas, da parte sul em relação ao monte e, mais, terra chã. Com grandes arvoredos. Ao monte alto o Capitão deu o nome de Monte Pascoal; e à terra, Terra de Vera Cruz.



Anote aqui

22 DE ABRIL DE 1500: O DIA EM QUE O BRASIL DESCOBRIU OS PORTUGUESES



"Desembarque de Cabral em Porto Seguro", óleo sobre tela de Oscar Pereira da Silva, 1922. (foto: Acervo do Museu Histórico Nacional.)

No dia da chegada de Cabral, os portugueses ancoraram no litoral sul de onde hoje está a Bahia. Antes de seguir viagem para a Índia, destino final da viagem, os navegantes permaneceriam no Brasil até o dia 2 de maio para tomar posse da terra em nome da Coroa Portuguesa e seguindo as determinações do Tratado de Tordesilhas.

No dia seguinte à chegada dos portugueses, ocorreu o primeiro encontro entre os exploradores e os indígenas. No dia 26, o primeiro domingo depois da Páscoa, o frade franciscano Henrique de Coimbra rezou uma missa em terra firme. No dia 1º de maio, uma outra missa foi rezada e também realizada a posse oficial da terra. Foi erguida uma grande cruz de madeira, com as armas reais de D. Manuel, rei de Portugal. Na manhã seguinte, no dia da partida da esquadra, os portugueses deixaram dois criminosos, que trocaram a pena de morte pelo exílio em terras desconhecidas. Além deles, ficaram no Brasil outros dois portugueses desertores. Esse foi o início da ocupação portuguesa e da formação do Brasil que conhecemos hoje.

DESCREVENDO A NOVA TERRA: À VISTA OU PARCELADA?

Cada vez mais a expressão “descobrimento” está sendo questionada pelos estudiosos por não descrever com exatidão este fato histórico. Isso porque “descobrimento” é um termo **eurocêntrico**, uma vez que significa não haver habitantes nas terras encontradas pelos portugueses. Estima-se, inclusive, que **cinco milhões de indígenas se espalhavam pelo litoral brasileiro nesse período**.

Nesse sentido, por mais que seja verdade que poucos são os registros históricos de que temos conhecimento sobre tudo o que aconteceu no período colonial, temos o suficiente para questionar a versão que narra a colonização como “pacífica” e “ordeira”. Veja abaixo a fala do padre Leonardo do Valle, jesuíta português (1538-1591), relatando a experiência que teve em Itaparica e em Ilhéus, na Bahia, entre 1563 e 1564, período em que se estima a morte de mais de 30 mil indígenas em três meses.

[...] "Seu pecado foi castigado por uma peste tão estranha que por ventura nunca nestas partes houve outra semelhante. [...] Finalmente chegou a coisa a tanto que já não havia quem fizesse as covas [...] e com tudo isso diziam os índios que não era nada em comparação da mortalidade que ia pelo sertão adentro".

A colonização portuguesa no Brasil teve como principais características: **civilizar, exterminar, explorar, povoar, conquistar e dominar**. Sabemos que os termos *civilizar*, *explorar*, *exterminar*, *conquistar* e *dominar* estão diretamente ligados às **relações de poder de uma determinada civilização sobre outra**, ou seja, os portugueses submetendo ao domínio e conquista os indígenas. Já os termos *explorar*, *povoar* remete-se à exploração e povoamento do novo território (América).

O tratamento violento dos colonizadores e as doenças trazidas pelos europeus causaram a morte de muitos indígenas.



Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena em 1500 era de aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo que aproximadamente 2 milhões estavam estabelecidos no litoral do país e 1 milhão no interior. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas e, em 1957, chegou a 70 mil, o número mais baixo registrado. De lá para cá, a população indígena começou a crescer.

De acordo com o último censo demográfico, realizado em 2010, pelo IBGE, o Brasil tem 896,9 mil indígenas. Isso significa que o número de indígenas no país, em 2010, representava 29,9% do número estimado para 1500, quando começou a colonização. Ao todo, ainda existem 305 etnias, que falam 274 línguas.

A partir de então, **convencia-se que o Brasil não foi descoberto pelos portugueses, pois reafirmaria a nossa negligência quanto às histórias dos indígenas que aqui povoavam e viviam muito tempo antes do dia 22 de abril de 1500**. Portanto, o processo de colonização portuguesa no Brasil teve um caráter semelhante a outras colonizações europeias, como, por exemplo, à espanhola: **a conquista e o extermínio dos indígenas**. Sendo assim, a expressão "**Chegada dos Portugueses ao Brasil**" seria mais precisa, pois reconhece a existência de povos autóctones nestas terras.



"Descobrimento do Brasil"
(1956), de Cândido Portinari.

No entanto, do dia da chegada dos portugueses, apenas três depoimentos ainda estão disponíveis atualmente. O mais detalhado deles é a "Carta de Achamento do Brasil", de **Pero Vaz de Caminha**, escrivão da armada, que inaugura o que se convencionou chamar de Literatura Informativa sobre o Brasil. Esse tipo de literatura, também conhecido como **literatura dos viajantes ou literatura dos cronistas**, como consequência das Grandes Navegações, emprenha-se em fazer um levantamento da "terra nova", de sua floresta e fauna, de seus habitantes e costumes, que se apresentaram muito diferentes dos europeus.

Temos, então, como **principais** manifestações literárias no século XVI:

- uma **literatura informativa**; e
- uma **literatura dos jesuítas**.

LITERATURA INFORMATIVA

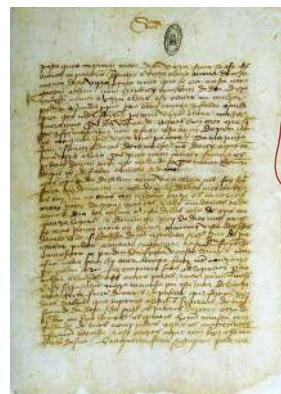
A fim de registrar a nova terra em relatos, cartas e crônicas, diversos europeus estiveram no Brasil no século XVI, por obrigação profissional ou por motivos pessoais. Por esse motivo, a **literatura informativa** é considerada meramente descriptiva e informativa e, como tal, sem grande valor literário, pois os viajantes portugueses retratavam suas impressões sobre o Brasil e as encaminhavam a Portugal.

Em geral, podemos encontrar:

- Relatos sobre a **paisagem local**;
- Relatos sobre os **indígenas** e o **clima** etc;
- Relatos que exaltavam o Brasil para atender às expectativas do rei quanto à busca de **metais preciosos, mercados consumidores e produtores de matéria-prima**.

O **Propósito** era garantir que a coroa portuguesa tivesse relatos precisos sobre as riquezas comerciais e os interesses religiosos. Ou seja, o que havia na terra, quem habitava o local, quais os seus costumes, qual o clima, a vegetação e os alimentos locais.

A CARTA DE ACHAMENTO: CARTA A EL-REI DOM MANUEL SOBRE O ACHAMENTO DO BRASIL



- Escrita entre 26 de abril e 1º de maio de 1500;
- Descreve o local com espírito ufanista e nativista, mesmo sendo um documento, a fim de registrar o descobrimento da nova terra;
- É o **primeiro** registro escrito sobre o Brasil; nela, podem-se encontrar elementos de **caráter ficcional e autoral**;
- Sobre sua **composição**, foi escrita em sete folhas, cada qual dividida em quatro páginas. Da conotação fonética das marcas ortográficas, vale citar que Caminha reproduz o estilo de época típico dos textos portugueses até o século XV. Sua periodização torna o manuscrito um produto organizado e bastante ordenado cronologicamente;
- Há a narrativa dos dias em que a esquadra passou na costa brasileira, com relatos sobre tudo o que foi observado pelo autor da carta (costumes dos índios, características da flora e fauna e a **primeira missa** rezada em solo brasileiro);
- Relatava o que acontecia com a embarcação: novas terras, doenças, problemas em alto-mar etc.



"Primeira Missa no Brasil", Victor Meirelles (1860)"

LEIA, A SEGUIR, ALGUNS FRAGMENTOS.

*Senhor, posto que o **capitão-mor** desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta Vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha **conta**. (...)*

*E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até terça-feira d' **oitavas de Páscoa**, que foram 21 dias d' Abril, que topamos alguns sinais de terra (...). E à quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buchos. Neste mesmo dia, a **horas de véspera**, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas ao sul dele e de terra **chã** com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs o nome o Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz. (...)*

*E dali houvemos vista d'homens, que andavam pela praia, de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, por chegaram primeiro. (...) A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma **cousa** cobrir nem mostrar suas **vergonhas**. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. (...)*

*Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão **çarradinhas** e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. (...)*

*E uma daquelas moças era toda **tinta**, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (...)*

*O capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma **alcatifa** aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro mui grande ao pescoço. (...) Um deles, porém, pôs olho no colar do capitão e começou d'acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata. (...)*

*Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de **Entre-Douro-e-Minho**, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (...)*

capitão-mor: trata-se de Pedro Álvares Cabral.

conta: relato.

oitavas de Páscoa: semana que vai desde o domingo de Páscoa até o domingo seguinte.

horas de véspera: final da tarde.

chã: plana.

cousa: coisa.

vergonhas: órgãos sexuais.

çarradinhas: alguns historiadores consideram "sa-

"radinhas", isto é, sem doenças, e outros consideram

"cerradinhas", isto é, densas.

tinta: tingida.

alcatifa: tapete, que cobre ou se estende.

Entre-Douro-e-Minho: antiga província de Portugal.



HANS STADEN

O alemão Hans Staden engajou-se num navio mercante que saía de Portugal e veio para o Brasil. Após 16 meses de viagem, voltou para Lisboa, retornando ao Brasil somente em 1550, no navio espanhol São Miguel, que possuía liberação de Portugal para navegar e comercializar na nova terra.

Sobre essas duas viagens, **escreveu um relato** que ficou conhecido no Brasil como **"Duas viagens ao Brasil"**. Ilustrado com xilogravuras do próprio autor, o livro ganhou sucessivas edições e foi **sucesso editorial** na Europa. No livro, Staden relata o período em que foi **prisioneiro da tribo Tupinambá**, narrando o contato que fez com os indígenas.

Aprisionado, relata que correu o risco de ser devorado em um ritual antropofágico. São relevantes também as informações sobre a implantação dos primeiros núcleos europeus que se instalaram no Brasil. Também interessam os relatos de contatos culturais mais duradouros, as histórias de naufrágios, o fascínio pela paisagem e a perplexidade diante dos indígenas.



Staden encontra o chefe Cunhambebe. Ilustração do livro; *Duas viagens ao Brasil*: Página de rosto da primeira edição, 1557. Acervo da Brasiliana.

XILOGRAVURAS DE HANS STADEN



Staden ainda corroborou com a formação de uma imagem selvagem acerca do "Novo Mundo".



Xilogravura: André Thévet - *Cosmografia Universal* (1575).

Essas imagens, ainda que paradoxais, demonstram a visão do mundo ocidental sobre o novo território.



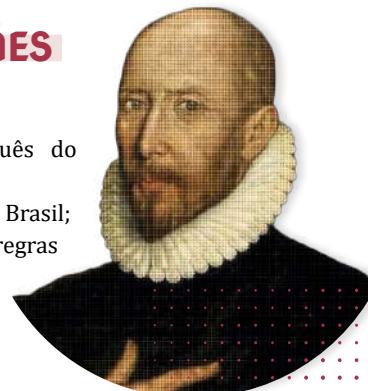
Xilogravura: André Thévet - *Cosmografia Universal* (1575).

Há **duas** construções simbólicas nos relatos do alemão sobre o Brasil. São concepções até hoje muito difundidas:

1. A visão do Brasil como um local de exuberante paisagem natural, isto é, um *paraíso*;
2. A visão do exotismo inquietante do país, que causa o estranhamento diante do outro. Essa imagem simboliza um inferno que é retratado nas diversas pinturas dessa época.

PERO DE MAGALHÃES GÂNDAVO

- Historiador e cronista português do século XVI;
- É o autor da primeira história do Brasil;
- Escreveu uma gramática com regras da língua portuguesa;
- Pero teria estado no Brasil na década de 1560. Em 1576,



produziu uma obra chamada “História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”, que é considerada **a primeira sobre a história do Brasil**. Nome que, aliás, detestava, por julgar sua referência à mera tintura;

- Escreveu o *Tratado da Província do Brasil* e o *Tratado da Terra do Brasil* com a finalidade de **estimular a emigração portuguesa**. Os dois textos foram reunidos mais tarde na História da Província de Santa Cruz;
- Gândavo é o primeiro a falar em cabreúvas, árvores perfumadas, e no caju, fruta de “muito sumo” e que se come “pela calma (hora da sesta)” e os bichos são curiosos e assustadores. Chama onças pintadas de “tigres”, espanta-se com tatus, tamanduás, capivaras e macacos com barbas de homem;
- Sobre os indígenas, diz que são pacíficos e prestativos, mas também cruéis, “animais sem uso da razão”, vingativos e canibais agressivos. “Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senão comer, beber e matar gente”. E ainda por cima são “desonestos e dados a sensualidade”, mas vivem livres da cobiça e do “desejo desordenado de riquezas”;
- Gândavo era favorável ao extermínio desses “bárbaros” ou a sua completa escravização. Num mundo tão pequeno como o do século XVI, o **etnocentrismo** talvez fosse inexorável. O estranhamento entre civilizações praticamente dizimou o lado mais fraco.

VEJA ABAIXO ALGUNS TRECHOS DOS RELATOS:

“Chamam-lhe tatus, e são quase tamanhos como Leitões: têm um casco como de cágado, o qual é repartido em muitas juntas como lâminas, e proporcionado de maneira, que parece totalmente um cavalo armado. Tem um rabo comprido todo coberto do mesmo casco: o focinho é como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e não bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha.”

“A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.”

GÂNDAVO, P. M. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

Além de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo e Hans Staden, outros representantes que se destacam na Literatura de Informação foram:

- Pero Lopes de Souza e sua obra *“Diário de navegação”* (1530);
- Fernão Cardim e sua obra *Narrativa epistolar e Tratado das terras e das gentes do Brasil* (1583);
- Gabriel Soares de Souza e sua obra *Tratado descritivo do Brasil* (1587).

LITERATURA JESUÍTICA / DE FORMAÇÃO

As navegações permitiram não só que as áreas de comércio se expandissem, mas também que ajudassem a difundir a fé católica. Como reação à **Contrarreforma**, a busca de novos povos para catequizar era uma forma de reforçar o poder da Igreja e “salvar” os gentios. Essas eram as **justificativas para a imposição cultural aos indígenas**.

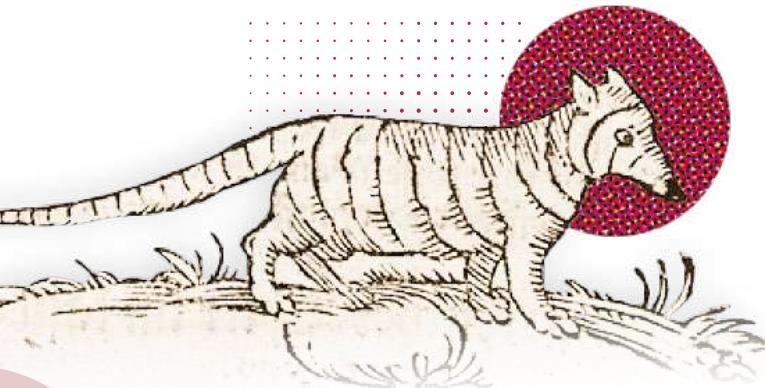
Assim, depois da chegada dos primeiros colonizadores, os posteriores viajantes que atravessaram o Oceano Atlântico foram os **padres jesuítas**. Os padres chegaram em 1549, na chamada **Companhia de Jesus**, com o objetivo de catequizar os indígenas e os filhos dos colonizadores que moravam ou já nasciam na colônia brasileira.

Para isso, os religiosos utilizavam e produziam textos mais elaborados que as crônicas históricas para difundir o **Cristianismo**. Muitos desses textos eram fundamentados no movimento da Contrarreforma da Igreja Católica, que objetivava a conquista e reconquista de fiéis pelo mundo afora.

Mesmo desenvolvendo um projeto de aculturação, os jesuítas possuíam sensibilidade, humanismo e didatismo. Dentre eles, destacam-se os padres **Manuel da Nóbrega e José de Anchieta**.



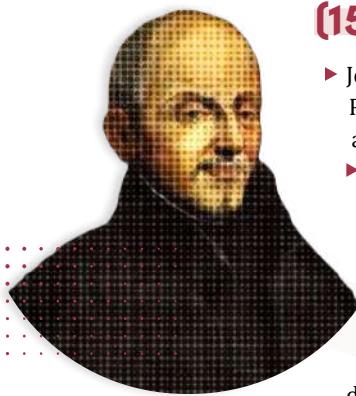
Portanto, a **Literatura Jesuítica**, também chamada de Literatura de Catequese e/ou de Formação, refere-se à **produção de cartas, poemas e peças de teatro escritos por jesuítas, com a finalidade de catequizar os povos originários**. Essa literatura, como o próprio termo sugere, é **marcada pelo forte teor religioso e é considerada uma das primeiras manifestações da Literatura Brasileira**.



As principais Características da literatura de catequese são:

- Literatura de caráter documental e religioso;
- Crônicas históricas, de viagens, teatro pedagógico e poesia didática;
- Textos informativos e descriptivos;
- Linguagem simples;
- Temas cotidianos e religiosos pautados na fundamentação religiosa cristã.

MANUEL DA NÓBREGA (1517-1570)



- Jesuíta e missionário português, Padre Manuel da Nóbrega chegou ao Brasil em 1549;
- Catequização e “civilização” dos indígenas com base nos costumes europeus cristãos;
- As **missivas** de Manuel da Nóbrega foram feitas para serem cativantes e ricas. Por isso, também se enquadram na Literatura Jesuítica.

DENTRE AS SUAS PRINCIPAIS OBRAS, DESTACAM-SE:

- *Diálogo sobre a conversão do gentio* (1557);
- *Caso de consciência sobre a liberdade dos índios* (1567);
- *Informação da Terra do Brasil* (1549);
- *Informação das coisas da terra e necessidade que há para bem proceder nela* (1558);
- *Tratado contra a antropofagia* (1559).

JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)



- José de Anchieta foi o precursor do teatro no Brasil e, devido à relevância literária de sua obra e por ter sido o primeiro a escrever para brasileiros, é considerado a figura principal da literatura de catequese;
- Suas obras transitam por vários gêneros literários, como poemas, crônicas e peças teatrais, e devido à intenção didática de seus textos, usava **linguagem de fácil assimilação e imagens claras**, além de escrever em latim, em tupi e em português;
- Anchieta foi o defensor dos índios brasileiros contra a tentativa de escravização dos colonizadores de Portugal. Mas também lutou ao lado de Portugal contra franceses da França Antártica;

- José de Anchieta teve grande liderança espiritual em seu tempo e é chamado de “Apóstolo do Brasil”;
- Por ter sido tão benquisto pelos indígenas, ficou conhecido como o grande *piah*, o supremo pajé branco;
- Entre suas contribuições para a literatura brasileira estão a “**1ª gramática da língua tupi**”, que funcionava como uma cartilha para o aprendizado dos nativos;
- As peças e poesias que escrevia eram uma mistura dos costumes indígenas com a moral do catolicismo;
- Sempre com intenção pedagógica, produziu **sermões**, autos (de inspiração medieval, seguindo o modelo de Gil Vicente) e **poemas** simples e ingênuos, mas cheios de lirismo. Dentre estes destaca-se “De Beata Virgine Dei Matre Maria” (“Poema à Virgem”).



Observe neste fragmento a seguir, como as redondilhas menores e as rimas (sem esquema rígido) dão ao texto um ritmo que facilita a memorização, enfatizando sua **função pedagógica**.

*A Santa Inês
Cordeirinha linda,
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo!*

*Cordeirinha santa,
de Jesus querida
vossa santa vinda
o diabo espanta.*

*Por isso vos canta
com prazer, o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.*



“Santa Inês”, Domenichino Zampieri

Leia a seguir a cena do segundo ato da peça teatral “Auto de São Lourenço”, de José de Anchieta, e preste atenção nas palavras negritadas:

GUAIXARÁ

*Esta virtude estrangeira
Me irrita sobremaneira.
Quem a teria trazido,
com seus hábitos polidos
estragando a terra inteira?*

*Só eu
permaneço nesta **aldeia**
como **chefe** guardião.
Minha lei é a inspiração
que lhe dou, daqui vou longe
visitar outro torrão.
Quem é forte como eu?*

*Como eu, conceituado?
Sou **diabo** bem assado.
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.*

*Meu sistema é o bem viver.
Que não seja constrangido
o prazer, nem abolido.
Quero as tabas acender
com meu **fogo** preferido*

*Boa medida é beber
cauim até vomitar.
Isto é jeito de gozar
a vida, e se recomenda
a quem queira aproveitar.*

Observe que foi utilizado elemento da cultura indígena, nesse caso a “aldeia”, para interagir, ensinar e doutrinar os indígenas. E ainda conceitos do Catolicismo, como a ideia de “diabo”.



Anote aqui



Estamos juntos nessa!



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.